

# Apresentação

A produção deste número de *Lutas Sociais* implicou, sob vários aspectos, experimentos e ousadias que se repetem desde a edição inaugural, lançada em 1996. Um novo comitê editorial, mescla de textos produzidos por jovens pesquisadores e escritos de autores consagrados, temas de inequívoca originalidade e novas abordagens de questões que permanecem candentes no plano social e desafiadoras no teórico. E seguindo o “mapa” teórico-ideológico que nos serve de referência também desde o início e que o leitor pode consultar na primeira orelha deste exemplar.

Os fortes, mas nem sempre visíveis, nexos entre relações de gênero e de classe são estudados em dois contextos cruciais onde teoria e prática se vinculam inextricavelmente: na contribuição de August Bebel, um dos mais importantes líderes marxistas da social-democracia alemã, para a análise da luta pela emancipação feminina, por ele considerada indispensável aos combates pela revolução socialista; e na política nem sempre explicitada, ao longo das duas primeiras décadas de existência da URSS, frente ao homossexualismo masculino. Dois artigos voltados para estas importantes questões, escritos, respectivamente, por Joana El-Jaick Andrade e Diego Santos, abrem este número de *Lutas Sociais*.

A “selvageria” continua nas relações de trabalho. Célia Congilio, ao examinar a política educacional do Estado brasileiro, e Sávio Cavalcante, que centra o foco nas particularidades destas relações no setor de telecomunicações, demonstram que o neoliberalismo passa por mutações que desafiam a criatividade daqueles que se engajam nas lutas de trabalhadores e trabalhadoras neste início de século.

Neste ano, é provável que ingressemos em um processo eleitoral marcado por um aparente paradoxo: ampla liberdade política e extrema despolitização das classes dominadas. Os grandes partidos que aparecem como representantes delas, estão inflados de capitalismo, em seus discursos; composição (candidatos inclusos) e práticas de campanha. E os pequenos se revelam incapazes de sequer lançarem uma candidatura única que contribua para uma derrota organizada e sinalize novas frentes de resistência ainda neste período de calmaria que passará por um duro teste, caso realmente se abra uma segunda fase desta profunda crise capitalista em escala planetária. O conhecimento deste regime político que possibilita elevadíssimo apoio popular a um governo cuja política obtém esplêndido sucesso no atendimento aos interesses dos dominantes é um desafio premente para os que insistem em resistir. Danilo Martuscelli critica uma das mais consagradas noções acerca do atual regime político brasileiro, a do “presidencialismo de coalizão”, tenta desvendar suas implicações ideológicas e propõe uma alternativa de análise do referido regime. E Vanderlei Elias Nery, em um texto também polêmico, volta-se para um momento crucial do processo de constituição do atual regime. Procura demonstrar como a histórica campanha “Diretas Já”, apesar da extraordinária

participação de massa, teve, no que se refere à composição das lideranças e formas de atuação, uma direção burguesa, o que contribuiu para o estabelecimento de fortes limites à luta contra a ditadura militar e ao processo de constituição do atual regime.

Em momentos de crise capitalista mundial, é importante examinar como se encontra a principal potência imperialista. Seu declínio econômico articula-se a uma crise de hegemonia no plano internacional? O artigo de José Rubens Mascarenhas de Almeida, além de sua importância intrínseca, faz uma introdução ao dossiê deste número de Lutas Sociais. Pois, no frígir dos ovos, os tipos de relações a se estabelecerem efetivamente com os Estados Unidos da América serão cruciais para os rumos a serem trilhados pelos governos e movimentos latino-americanos que se pretendem antisistêmicos.

O dossiê procura sinalizar que, após uma série de avanços (e, em grande parte, devido a eles), estes movimentos e governos deparam-se com novas questões candentes. Ana Esther Ceceña examina a nova configuração geopolítica pósterremoto no Haiti e o esforço do governo estadunidense para ocupar posições que lhe permita intervir eficazmente contra qualquer força que tente resistir a ele. Jair Pinheiro apresenta um artigo pioneiro, ao defender, a partir de uma perspectiva fortemente influenciada pela abordagem poulantiziana, a hipótese de que na Venezuela ocorre um processo revolucionário impulsionado pelos trabalhadores. Pablo Stefanoni faz um balanço crítico do governo Evo Morales, procurando detectar os avanços, limites e desafios encontrados pelo primeiro governo presidido por um indígena no subcontinente. Raúl Zibechi soa o alarme e aponta as fortes contradições entre movimentos indígenas, ciosos de suas identidades político-culturais e as políticas dos Estados que eles ajudaram a reconstituir na Bolívia e no Equador. Dois autores procuram possíveis nexos entre as relações do imperialismo no passado e no presente. Ramon Vilarino, com grande refinamento metodológico, examina duas incursões do imperialismo na América do Sul, ambas realizadas com a anuência dos EUA, tendo o petróleo como questão importante, e readquirindo impressionante atualidade: a da Inglaterra sobre a Argentina e a do Brasil sobre a Bolívia. E Lúcio Flávio de Almeida, em uma análise preliminar de um único texto da riquíssima obra que José Carlos Mariátegui produziu em tão pouco tempo, procura subsídios para analisar as complexas relações entre nacionalismo e ant imperialismo.

Enfim, três livros fundamentais são resenhados neste número da revista. O entusiasmo para com este novo número é muito grande entre os que, dos mais diversos modos, participaram de sua produção. Isto não impedirá, que saído do prelo e distribuído, um balanço mais crítico seja realizado pelos leitores e leitoras de Lutas Sociais.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida  
(pelo Comitê Editorial)